

LÍNGUA, DISCURSO E GÊNERO: UMA ANÁLISE EM CONTRAPONTO

Mônica Ferreira Cassana – monicassana@gmail.com

Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-1541-1374>

RESUMO: Neste artigo, procuramos compreender como o discurso dos sujeitos transexuais está sendo significado, atravessado por saberes que rompem com a lógica disjuntiva da língua, isto é, relaciono à impossibilidade de a língua tudo nomear. Nossa hipótese é de que esses sujeitos – seu corpo e seu discurso – estão submetidos a uma coerção de ordem ideológica, uma vez que estão submetidos às injunções de um discurso dominante, que conduz, historicamente, tais sujeitos à margem. Em uma tentativa de aproximação entre as teorias de gênero (BUTLER, 2015) e Análise de Discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux, sobretudo a partir de 1975, procuramos entender como o processo de identidade de gênero é discursivizado por esses sujeitos, através da análise de seu discurso. Como metodologia de análise, apresentaremos duas sequências discursivas que são formadas por discursos de sujeitos transexuais e que revelam a constituição da identidade de gênero, formando um gesto de resistência em relação ao discurso dominante que teima colocar esses sujeitos em um outro lugar. Como um efeito de conclusão, entendemos que, ainda que esse discurso esteja submetido à ideologia e mantenha o corpo do sujeito transexual relegado à margem da significação, tais sujeitos encontram meios – discursivos – de (res)significar seus corpos e sua condição identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Língua; Discurso; Gênero; Transexualidade.

1 INTRODUÇÃO

O corpo é, sem dúvida, um objeto de curiosidade e repulsa ao longo da história da sociedade. Foucault nos conta que houve um tempo, ainda no início do século XVII (FOUCAULT, 2017, p. 7), em que o corpo “pavoneava”, ou seja, os sujeitos eram livres para exercer suas sexualidades. Contudo, esse gesto de liberdade vivido pelos sujeitos foi se esmaecendo a partir da assunção do pensamento burguês, em que o corpo passa a ser aprisionado, submetido às ordens familiares e sociais.

O discurso burguês do século XIX definiu, nas palavras de Sohn (2009, p. 118) “uma biopolítica do sexo que tinha como intuito normalizar os comportamentos privados pelo controle das mulheres, das crianças e da sexualidade não reprodutiva”. Ainda que, conforme a autora, esse fosse um indício de que a sexualidade estava se tornando um objeto de estudo, as reflexões em torno dos corpos tinham um caráter moralizante e normalizador, pois buscavam enquadrar, ajustar o corpo às normas vigentes. Esses processos revelam o quanto o estudo do/sobre o corpo está sujeito a um processo de interpretação que se submete às afetações ideológicas.

No discurso médico-científico, o pensamento sobre o corpo está profundamente relacionado ao estudo anatômico, que estabelece um discurso de verdade sobre o corpo, através da regulamentação sobre corpos saudáveis e doentes. Essa representação do corpo está relacionada à forma, à estrutura do corpo que conhecemos através da anatomia, propagada pelo discurso médico-científico. Através de um imaginário predominantemente baseado nesse discurso, o corpo pode ser interpretado como a soma de várias partes, ou seja, como um corpo ajustado aos saberes normativos e dominantes ou como um corpo que deve ser curado ou considerado enfermo, portador de uma patologia.

Na perspectiva estabelecida no âmbito do discurso médico-científico, cada parte de um corpo se assemelharia a um instrumento, utilizado para diversos fins: as pernas para nos movimentarmos, nossas mãos são usadas para segurar objetos, os olhos são feitos para enxergar e a boca usada para nos alimentarmos. Ao conhecer o corpo e as partes que o compõem, estaríamos assegurados por um efeito de certeza, como se houvesse, nas palavras de Moulin (2009, p. 16) uma “transparência do corpo”, através da qual se pudesse interpretá-lo tão somente pelas justificativas biológicas e orgânicas. Assim, o corpo poderia ser lido e interpretado através do funcionamento de suas partes.

Essa visão sobre o corpo aprisionado e domesticado à ordem parece permanecer até os nossos dias. Sob forte injunção de discursos conservadores¹ que dominam a formação da sociedade contemporânea, falar sobre o corpo que desvia da ordem passa a ser uma forma de resistência. Assim, olhar para o corpo e trazê-lo para o seio do discurso não é apenas um desejo, mas apresenta-se como uma injunção, uma necessidade deste nosso tempo, em que o corpo desviante passa a ser alvo dos mais diversos discursos conservadores. E, nessas condições de produção, apresentamos nosso trabalho, que investiga uma possibilidade de aproximação, necessária e urgente, entre os discursos sobre o corpo – efetuado pelas teorias que pesquisam o gênero – e o discurso do corpo – efetuado pelos sujeitos que são donos, “habitam” o corpo transexual, que ousa se rebelar entre as impossibilidades do gênero insistentemente propagado pelo discurso dominante que prega a binaridade do gênero.

¹ Não é nosso objetivo, neste artigo, determinar o discurso conservador ou quais formações discursivas orbitam em torno dele. Contudo, acreditamos que a designação discurso conservador remete às formas de perpetuação de um discurso que vê o corpo transexual, desviante da cisnormatividade, como uma aberração. Entendemos que há uma visão de vários campos (religiosos, jurídicos, médicos) que ainda tratam tal corpo como algo que precisa ser corrigido, colocado nas normas. Entendemos também que vários desses campos de saber possuem brechas em seu discurso, que permitem deslocar o pensamento dominante para um discurso de acolhimento. Sabemos, no entanto, que esse discurso também não é absoluto e tampouco homogêneo, mas não é nosso objetivo, neste momento, fazer esse levantamento. No entanto, dada a brevidade que o artigo exige, deixaremos essas questões para serem discutidas em outro momento. Em outro trabalho (CASSANA, 2016), trabalhamos detalhadamente a forma como tais discursos se refratam no discurso do sujeito transexual.

É assim que o corpo do sujeito transexual se apresenta: submetido às ordens sociais e discursivas, que falam sobre ele. Há uma continuidade de sentidos que tentam normatizar, enquadrar e ajustar os corpos desses sujeitos. Parece-nos que há um domínio de saber que persiste nesse discurso e que é veiculado pela lógica da conjunção alternativa da língua portuguesa “é homem *ou* mulher?”.

A partir dessas questões, entendemos que há um ponto em comum entre as teorias que se dedicam ao estudo do gênero (BUTLER, 2015; PRECIADO, 2014) e as teorias do discurso, especialmente a que nos filiamos, a Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), fundamentada por Michel Pêcheux, sobretudo a partir de 1975. Esse ponto em comum diz respeito ao modo como sujeito se subjetiva a partir de sua sexualidade, através da língua. Essa articulação entre gênero e discurso torna possível compreender a forma como os sujeitos significam sua identidade de gênero. Por isso, propomos neste texto uma análise em contraponto, isto é, uma análise que preserva a diversidade de cada campo de saber, sua polifonia, mas, ao mesmo tempo, permitindo que cada uma dessas teorias seja vista como complementar uma a outra, isto é, entrelaçadas, formando possibilidades para a análise e reflexão dos temas apresentados.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

É no século XX que o corpo passa a interessar às questões teóricas, especialmente com as contribuições de Freud e o estabelecimento da psicanálise (COURTINE e VIGARELLO, 2009, p. 7). Isso se deve ao fato de o psicanalista romper com os paradigmas até então estabelecidos pelo discurso médico e compreender que a linguagem significa no corpo e através do corpo, revelando a noção de sujeito como categoria de análise.

É através do compartilhamento dessa noção, que se permite à AD, o estudo do corpo enquanto uma materialidade significante. Nessa disciplina, o sujeito não é visto como uma categoria *a priori*. Isto significa que, ao dizer-se a si mesmo, ao falar de si, o sujeito se revela em seu percurso no simbólico, isto é, na linguagem que o constitui. O sujeito é, portanto, um efeito da linguagem. Paul Henry afirma que “o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (1992, p. 188). A partir dessas considerações, revela-se, assim, a necessidade de pensar a linguagem como espaço de registro do inconsciente e da ideologia.

Entendemos, assim, que o corpo não é espaço para saberes consolidados. Portanto, as diferentes formas de subjetivação do sujeito e corpo são produzidas de acordo com os (des)arranjos da ideologia retratada em cada uma das condições de produção a qual um discurso está relacionado.

Nessa formação social, portanto, passam a transparecer os estudos sobre o gênero, que têm cada vez ocupado mais espaço no âmbito acadêmico, sendo teorizados em vários campos do saber. Percebemos a necessidade de estudar esses temas no campo teórico dos estudos da linguagem, justificado pelo fato de que as noções de língua, sujeito e discurso estão entrelaçadas, constituindo a base da teoria da Análise de Discurso. Segundo Indursky (2008, p. 10),

o sujeito que o fundador da Análise de Discurso convoca é um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Pessoalmente e socialmente. Na constituição de sua psique, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir do laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise de Discurso se constitui. (INDURSKY, 2008, p. 10).

Por isso, dada a inclusão da categoria de sujeito nos estudos da linguagem, e defendendo a necessidade de as pesquisas acadêmicas compreenderem e descreverem os fenômenos sociais, propomos, neste artigo, uma reflexão sobre o corpo desses sujeitos, entendido como um espaço significativo, e o discurso, analisando de que modo tais sujeitos referem-se a si para significar-se.

Nessa perspectiva, entendemos que é necessário problematizar a relação entre gênero que propomos neste trabalho. Entendemos que essa relação possível com a AD ocorre pela articulação das noções de sujeito, língua e ideologia. Nossa proposta é relacionar a teoria da AD com as teorias de gênero, já que ambas teorias proporcionam territórios férteis para compreender como corpo e sujeito se articulam discursivamente.

No campo de saber relativo aos estudos de gênero, podemos citar Butler (2015, p. 26) como uma das maiores pensadoras da atualidade. A pesquisadora questiona a estabilidade do sexo binário, dizendo que a distinção entre sexo e gênero é culturalmente construída e, ainda, que o gênero é um “artifício flutuante”. Segundo a autora,

quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino* tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2015, p. 26, grifos da autora).

A partir dessa citação, entendemos que uma das propostas da autora é a de que os corpos não devem ser vistos como reflexos do sexo biológico. Essa relação binária do corpo masculino – homem e do corpo feminino – mulher significa a lógica binária imposta por um discurso que circula de forma quase universal – pela afetação do discurso conservador. Como esse discurso se constitui ideologicamente, entendemos ser impossível compreender sua origem, sabendo apenas de sua

circulação em nossa formação social. Por isso, na ótica discursiva, não procuramos encontrar o ponto originário em que cada discurso se produz. Assim, sob o rótulo de discurso conservador caracterizaremos aqueles discursos que têm em comum o fato de ver os corpos como domínios do saber sexuado, isto é, como reflexos do sexo biológico.

Na mesma esteira de Judith Butler, Beatriz Preciado também manifesta questões semelhantes ao teorizar a sexualidade como aquilo que denomina contrassexualidade, ou seja, uma tentativa de organização dos corpos ao redor de um sistema heterossexual, como se esse fosse o sistema naturalmente imposto em nossa sociedade. Por contrassexualidade, Preciado entende o fim da natureza como ordem que legitima alguns corpos em detrimento de outros. A autora afirma que “no âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes” (PRECIADO, 2014, p. 21).

As questões que ambas autoras nos convocam a pensar dizem respeito à fluidez do gênero. Essa fluidez vai ao encontro da área teórica da AD, uma vez que os processos de significação não se dão de antemão, mas são construídos na afetação dos sentidos. Assim, de acordo com a AD não há sentido pronto e acabado, assim como, para as teorias de gênero não há gênero pronto e acabado. Gênero passa a ser tomado como uma questão de sentido, isto é, como algo que significa dentro e a partir de um dado discurso, e através do qual podemos pensar os processos de resistência dos sujeitos. Da afetação entre essas duas teorias, propomos um trajeto teórico de reflexão sobre o funcionamento lógico que é imposto pelo discurso dominante.

Há uma tentativa discursiva e, portanto, ideológica, de colocar os sujeitos transexuais a um esquadro social imposto por esse discurso dominante. Na hipótese de não caberem nas normas propostas, são relegados à margem, ao que está na periferia do discurso e da sociedade. Demonstraremos, em nossas análises, como esses sujeitos constroem, simbolicamente, essa (res)significação, fazendo com que seu discurso, ainda que à margem, seja pleno de sentidos.

Ao aproximar as duas teorias, não ignoraremos suas especificidades, mas as articularemos através de um gesto que tente pensar como se articulam corpo e língua. Para isso, é sempre importante marcar a distinção fundamental entre identidade de gênero e orientação sexual. De acordo com Jesus (2012, p. 12),

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual (JESUS, 2012, p.12).

De nossa posição como analistas de discurso, portanto, daqueles que consideram a relação entre língua, sujeito e ideologia, entendemos que o corpo é como um espelho. Nesse espelho pode haver a imagem de um corpo inalcançável, bem como a de um incompleto como o do sujeito transexual, que é marcado por excessos e/ou lacunas. Através desse corpo, o sujeito pode experimentar, significar e quebrar os limites que o enclausuram dentro da sensação de incompletude, dando poder a esta ou aquela forma. Explicaremos nosso ponto de vista a partir da apresentação de dois elementos que afetam o discurso dos sujeitos transexuais, os quais entendemos aqui como coerções, ou seja, como impedimentos que recaem sobre a língua e sobre o corpo e que passam a significar discursivamente.

A primeira coerção diz respeito à língua. É necessário dizer, primeiramente, que a noção de língua que nos filiamos se distancia de uma concepção tradicional, normativa e gramatical. Nesse sentido, entendemos que a língua, em uma perspectiva tradicional, está limitada pela gramática. Não há, na língua portuguesa, elementos neutros, ou seja, elementos linguísticos como pronomes pessoais e demonstrativos, adjetivos e substantivos identificam o gênero do sujeito que fala ou do qual se quer falar. Assim, ao nos referirmos a outro sujeito só podemos identificá-lo como “ele” ou “ela”. É impossível, do ponto de vista linguístico, nos referirmos a uma pessoa, através de tais pronomes, sem marcarmos o gênero linguístico. Entendemos essa (im)possibilidade da língua como uma coerção. Neste ponto, entendemos a intersecção entre sujeito e língua, ao retomarmos Pêcheux, quando este fala sobre a “lógica disjuntiva”: a língua está impossibilitada de tudo nomear, sendo, portanto, impossível haver uma correspondência entre corpo e língua. Através da lógica disjuntiva é

““impossível” que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não o tenha, que esteja trabalhando e que esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês e que ganhe mais, que seja civil e que seja militar, que tenha sido eleito para tal função e que não o tenha sido, etc...” (PÊCHEUX, 1983 [2012], p. 30).

A segunda coerção também diz respeito à mesma lógica, porém, neste trabalho, a relacionaremos ao corpo. Trata-se do que Pêcheux chamou de “gestão social dos indivíduos”, ou seja,

marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos. (PÊCHEUX, 1983 [2012], p. 30).

Esse é o trabalho da ideologia em relação aos corpos. Ao classificá-los e selecioná-los, há a divisão entre os corpos que merecem ser reconhecidos como corpos “normais” ao passo que outros devem ser silenciados, ou seja, é preciso considerar que, sobre o corpo desses sujeitos, estão implicadas práticas de silenciamento, o que Orlandi define como uma “política do silêncio”, já que tal prática produz um “recorte entre o que diz e o que não se diz” (ORLANDI, 2007, p. 73).

Nesse sentido, convocamos mais uma vez Preciado, que afirma: “A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade” (PRECIADO, 2014, p 22). Ou seja, para as teorias que estudam o gênero há um lugar de falta, em que o sentido não é preenchido. Dizer que a contrassexualidade é o que está fora das oposições binaristas permite-nos aproximarmos da teoria da AD, afirmando que a significação nunca é totalitária, estando sempre ausente de uma concepção determinista.

Dessa forma, podemos entender que as oposições estão fundamentas no discurso científico. Sendo assim, uma visão tradicional de ciência afirma que os corpos podem ser determinados cientificamente através da estrutura corporal. Aqueles sujeitos que fogem à estrutura corporal cientificamente determinada pelo discurso científico tradicional são consideradas pessoas anormais, portadoras de alguma patologia. Mais uma vez, há a presença de uma lógica da coerção: é preciso haver uma identificação dos sujeitos pelo atendimento aos fenótipos femininos ou masculinos. É da ordem do impossível o sujeito ter os cromossomos XX e XY, sendo, portanto, impossível ser homem e ser mulher ao mesmo tempo. Ainda parafraseando Preciado: “a identidade sexual não é a expressão instintiva da verdade pré-discursiva da carne, e sim um efeito de reinscrição das práticas de gênero no corpo” (PRECIADO, 2014, p. 29). Dessa forma, podemos dizer que o gênero transcende o sexo, inscrevendo no corpo uma identidade única, não passível de homogeneização.

Os corpos que não atendem a esse funcionamento serão relegados à margem. Lembramos do conceito de hermafrodita que é relacionado, até o início do século XIX, ao monstro humano, como nos descreve Roudinesco (2008). A autora também fala sobre um fenômeno em que homens “convencidos de terem uma alma de outro sexo estariam dispostos a se mutilar para corrigir o erro monstruoso que a natureza lhes infligira” (ROUDINESCO, 2008, p. 213), ou seja, a tentativa de “consertar” o corpo, colocá-lo sob uma ordem outra, que não aquela do próprio sujeito que o habita. A ideia dos monstros também foi descrita por Foucault, que nos diz que que essas formas de subjetivação e expressão do gênero estão relacionadas a corpos em que se percebe o funcionamento do “impossível e do interdito” (FOUCAULT, 2011, p. 285), uma vez que esses corpos fugiriam às normas estabelecidas, aos padrões pré-determinados. Mais uma vez,

observamos o funcionamento de uma política que silencia os corpos que não estão adequados ao padrão instituído pelo discurso dominante.

Courtine também nos fala sobre a exibição dos monstros humanos, como um fenômeno histórico que acompanha todo o século XIX. A questão linguística já aparece em um trecho em que o autor reflete sobre essa questão em sua obra. Em determinado momento do texto, o autor mostra o quanto as mulheres barbadas foram exploradas como monstros humanos e o quanto a visão de seus corpos perturbava o olhar: “Ele ou ela? Ela ou ele? A oscilação do enunciado, o caráter indecível do gênero gramatical traduzem a profundidade da perturbação que se apodera do olhar.” (COURTINE, 2009, p. 272).

A partir dessas questões, pretendemos mostrar o quanto as duas coerções apresentadas – a da língua e a do corpo – são da ordem da ideologia. Entendemos que, no discurso dos sujeitos transexuais, há um colamento ao historicamente estabelecido, ou seja, há elementos pré-construídos que já atribuem sentidos prévios a esses sujeitos dos quais é muito difícil descolar-se (e deslocar-se). Como nos conta Courtine (2009), sobre a história do corpo:

O discurso e as estruturas estavam estreitamente ligados ao poder, ao passo que o corpo estava ao lado das categorias oprimidas e marginalizadas: as minorias de raça, de classe ou de gênero pensavam ter apenas o próprio corpo, para opor ao discurso de poder, à linguagem como instrumento para impor o silêncio aos corpos (COURTINE, 2009, p. 9).

Nossos argumentos residem no fato de que tais coerções são impossíveis de serem apagadas, porque seguem produzindo efeitos de sentido no discurso. Acreditamos, entretanto, que é possível romper com essa circularidade através da consideração de elementos de ordem exterior que parecem interferir e reverberar sentidos que estão presentes no interdiscurso, noção fundamentada pela AD, que diz respeito ao espaço que “contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada que formação discursiva” (INDURSKY, 2005), que, por sua vez, se caracteriza como um espaço de circulação da ideologia.

Entendemos que o discurso conservador não é determinante na formação do sujeito, por isso não é acachapante, sendo possível tais sujeitos mostrarem-se através de lacunas no discurso. Assim, é possível afirmar que o dizer desses sujeitos está marcado pela resistência, ou seja, a recusa desses sujeitos em submeter-se ao discurso que tenta dominá-lo, o que se marca materialmente na língua. Nessa perspectiva, convocamos Pêcheux (1982) que afirma:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio;

falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, [1982], 1990, p. 17.

Entendemos, portanto, que é possível verificar modos de resistência através da análise do funcionamento do discurso de sujeitos transexuais. Dessa forma, alguns saberes que não podem ser ditos por estarem esses sujeitos à margem. No entanto, mostraremos que há uma forma de (re)significar-se através da resistência e que, dessa forma, tais sujeitos rompem com a coerção dessa lógica disjuntiva, desafiando o estabilizado socialmente.

2.1 ANÁLISE

Através de nossa metodologia de análise, estabeleceremos um gesto interpretativo que funciona através do movimento pendular próprio da AD (INDURSKY, 2008, p.9). A partir dessa perspectiva, mostraremos duas sequências discursivas selecionadas de reportagens divulgadas nas revistas Piauí (KAZ, 2017) e em reportagem publicada no site Uol Economia (MARCHESAN, 2015). Para a apresentação das análises, produzida por intermédio dos dispositivos teórico e metodológicos da AD, analisaremos as sequências discursivas selecionadas, formulando um gesto de interpretação em que demonstraremos como os sujeitos se (re)significam nesse discurso, a partir do modo como utilizam a língua.

Sequência Discursiva 1 (SD1)

“Tive muita sorte. Mesmo sem tomar hormônios, já tinha muitas características masculinas, como uma voz um pouco mais grossa. Fui fazendo minha transição com o que eu tinha em mãos, fui vestindo roupas masculinas. Mesmo sem tomar hormônios, ninguém me confundia mais com uma mulher.

Desde criança eu queria entrar nas Forças Armadas ou na polícia. Tinha um tio de que eu gostava muito, e ele era policial rodoviário federal. Sempre ia na casa dele e o via fardado. Ele colocava o quepe na minha cabeça e eu saía correndo todo feliz. Queria muito ser igual a ele desde criança.

Na realidade, não era surpresa para ninguém que eu sou transexual. Bastava olhar para mim. Não é algo que dá para esconder. Me passei por mulher, mas era como se eu fosse uma mulher muito estranha. Então, quando eu voltei a vestir roupas masculinas e comecei a tomar hormônios, não foi choque para ninguém”.

Sequência Discursiva 2 (SD2)

“Para mim, eu estava fantasiada de menino até os nove anos. Nove anos com uma fantasia quente e picicante”.

Nas sequências discursivas selecionadas para análise, identificamos o modo como sujeitos se significam através da língua, ou seja, através das escolhas lexicais. Ambas SD se relacionam ao discurso direto dos sujeitos que é reportado em duas reportagens jornalísticas diferentes, a saber, a SD1 no site Uol Economia e a SD2 na revista impressa Piauí. Essas condições de produção não são suficientes para que saibamos se os sujeitos falaram exatamente isso, mas o uso das aspas e dos pronomes em primeira pessoa nos levam a crer que os discursos dos sujeitos transexuais foram reportados de forma tal qual foram ditos.

O aspeamento marca a voz do sujeito como um discurso direto. De acordo com Authier-Revuz,

as aspas se fazem “na borda” de um discurso, ou seja, marcam o encontro com um discurso-outro. São uma balizagem dessa zona de demarcação mediante a qual, através de um trabalho sobre suas bordas, um discurso se constitui em relação a um exterior. Essa borda é, a um tempo só, reveladora e indispensável: acompanhar o mapeamento das palavras aspeadas de um discurso é acompanhar a zona fronteira reveladora daquilo em relação ao que lhe é essencial se distanciar: “Diz-me o que tu aspeias...”; ao mesmo tempo, é pelo fato de colocar algumas palavras como não apropriadas que um discurso constitui, em si mesmo, o complementar dessas palavras: palavras essas plenamente apropriadas, às quais o locutor supostamente adere sem distância; é o trabalho constitutivo das aspas (AUTHIER-REVUZ, 2004 p. 229).

Essa questão demonstra a necessidade de apresentar a posição desse sujeito em relação à identidade de gênero e ao modo como percebe tal identidade. É o sujeito transexual que toma voz no próprio discurso, através do dois efeitos de metaforização: o uniforme, que representa a farda, a autoridade, a homogeneização; e a fantasia, que representa a ficção, o faz-de-conta, a heterogeneidade. O efeito de sentido das duas SD em análise está sustentado pela antítese mesmo *versus* diferente.

Assim, para o sujeito transexual da SD1, um transhomem, ou seja, um sujeito que nasceu biologicamente mulher mas que se identifica e vive como um homem, sua condição identitária está relacionada à profissão: é preciso falar a respeito de sua vida como profissional da área da segurança. Nesse sentido, entendemos que o significante *farda*, na SD1, está relacionado tanto ao desejo desse sujeito em realizar-se profissionalmente, afinal ele afirma que “desde criança quis fazer parte das Forças Armadas ou da polícia”, como também há um desejo de relacionar sua identidade de gênero às características masculinas.

Assim, a farda passa a representar, plano simbólico e plano do corpo, os elementos necessários para cobrir uma falta: a farda representa essa necessidade de preencher a lacuna deixada pelo gênero. Nesse sentido, torna-se necessário fardar-se, isto é, vestir-se com um uniforme, para ser/estar relacionado, pelo outro, ao gênero masculino. Através dos elementos linguísticos “vestindo roupas”, “ninguém me confundia mais com uma mulher”, “ele colocava o quepe na minha cabeça”, o sujeito se identifica com o gênero masculino, desde a infância, mas é a farda que arremata essa representação. É através da farda que ele deixava de ser a “mulher estranha” para ser quem gostaria de ser e não “chocar” ninguém. O corpo que não pode chocar nos remete ao qual Foucault, Roudinesco e Courtine pensaram alguns séculos atrás: o corpo que não poderia desviar das normas para não ser visto como desviante, monstruoso. Ao significar esses elementos através da escolha linguística do verbo “chocar”, o sujeito recupera tais elementos inscritos na memória e na história do gênero. Esses elementos tornam o sujeito mais um, o uniformizam, o torna igual àqueles que deseja parecer igual. Podemos dizer que esse é o ponto em que o gênero e a língua se articulam, constituindo o discurso.

Já a segunda sequência diz respeito à entrevista de uma menina transexual à Revista Piauí. A menina, uma transmulher, ou seja, uma pessoa que nasceu homem mas se identifica e vive como uma pessoa do gênero feminino, afirma que estava “fantasiada de menino” e que essa fantasia era “quente e pinicante”. Ao contrário da farda, a fantasia serve para mascarar o que se é de fato. Fantasiar-se de menino é diferente de ser menino. Para esse sujeito, a fantasia ocupa outro lugar que não o mesmo da farda. Através da fantasia “quente e pinicante”, o sujeito denuncia o que não gosta, o que excede: a fantasia é demais, ela deseja retirá-la e identificar-se como mulher. A fantasia, portanto, seria esperada para cobrir a falta do sujeito, a falta do gênero. Mas, para o sujeito, esse funcionamento é inverso, pois ela entende que o seu gênero é aquele com o qual se identifica e ela se identifica como uma mulher. A fantasia, o faz de conta, é o gênero que ela precisa assumir socialmente para evitar o sofrimento, mas, ao mesmo tempo, ela sofre, pois a fantasia é quente, é pinicante, é desconfortável. A fantasia não é o sujeito, é aquilo que esperava-se que ele fosse.

Os significantes escolhidos pelos sujeitos para representar seu processo de identificação rompem com o estabilizado, uma vez que entregam aos significantes *farda* e *fantasia* a forma como se imaginam e consideram a “passagem” a um outro gênero. Notemos que, enquanto a farda está associada ao uniforme, à rigidez, às normas, a fantasia se relaciona ao oposto: à alegoria, à imaginação, à criatividade. Ao mesmo tempo, a farda serve para impor respeito, destacar, identificar, enquanto a fantasia esconde, acoberta, camufla as identidades, mas ao mesmo tempo, serve como conforto, como amparo ao sujeito que deseja identificar-se com os outros. Do mesmo

modo, a fantasia não serve para fugir de uma realidade, ao contrário, ela camufla o que se é, o desejo do sujeito em também assumir sua identidade, sem, contudo, desejar parecer igual.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos recortes, concluímos que língua é incompleta, opaca, uma vez que os sentidos não são suficientes para completar a significação. Dessa forma, as palavras não orbitam ao redor de um único sentido, mas sim transpassam uma multiplicidade de saberes. O sujeito histórico, discursivo, é capaz de transitar entre os silenciamentos, os apagamentos, as incompletudes e as evidências da língua, tentando explicar-se naquilo que fala. Isso quer dizer que, mesmo usando os mais diversos recursos linguísticos e estilísticos existentes na língua, ainda assim os significados podem permanecer opacos, à deriva do sentido.

Entendemos que, para os sujeitos transexuais, nessas sequências discursivas, parece que o sexo de nascimento está relacionado a um mundo imaginário, através do qual o sexo de nascimento não combina com a identidade, já que não há equivalência entre sexo e gênero. Ao mesmo tempo é, ao vestir a farda, o uniforme, e desistir da fantasia, que esse sujeito irá se identificar com o gênero que deseja, inscrevendo, no corpo simbólico, os significantes desse desejo.

A partir da discursivização de elementos linguísticos, pretendemos demonstrar, neste artigo, uma articulação necessária entre os estudos do gênero e os estudos da linguagem. Em nossas análises demonstramos como, através da língua, há um deslocamento entre os significantes, que mostram o funcionamento de um discurso que institui uma prática de resistência ao discurso conservador.

4 REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. (2004). “Palavras mantidas a distância”. In: **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 217-237.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASSANA, Mônica Ferreira. **Corpo e(m) discurso: ressignificando a transexualidade**. Curitiba: Appris, 2018.

COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. *História do corpo: as mutações do olhar – o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2009.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela por ela? In: **Anais do SEAD**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (orgs). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. E-book. Disponível em <<http://www.sertao.ufg.br>>. Acesso em 25 abr 2018.

KAZ, Roberto. **Retrato de uma menina: ser transgênero aos 11 anos de idade**. Revista Piauí, edição 128, maio de 2017.

MARCHESAN, Ricardo. **Optei pela identidade feminina para entrar na PM: veja relato de transexual**. Site Uol Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2015/03/03/passei-por-mulher-para-entrar-na-pm-veja-relato-de-policia-transexual.htm>

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar – o século XX**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. In: GERALDI & ORLANDI (orgs.) **Caderno de Estudos Lingüísticos 19 – O discurso e suas análises**. Campinas, 1990, p. 7-24

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento (1983)**. Tradução de Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 213.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar – o século XX**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Title

Language, discourse and gender: analysis in counterpoint.

Abstract

In this article, we seek to comprehend how the discourse of transsexual subjects is signified as it is crossed by kinds of knowledge that rupture the disjunctive logic of language, that is, the impossibility that language names everything. Our hypothesis is that these subjects – their bodies and discourses – are subjected to a coercion of an ideological nature, since they are subjected to the injunctions of a dominant discourse from which they are historically peripheral.

In an attempt to approximate Gender Theories (BUTLER, 2005) and French Discourse Analysis based on Michel Pêcheux's work, we seek to comprehend how the process of gender identity is discursivized by these subjects, through the analysis of their discourse. As for the analytical methodology, we present two discursive sequences constituted by the discourses of transsexual subjects. They reveal the constitution of gender identity, producing a gesture of resistance towards a discourse that insists on placing these subjects somewhere else. As an effect of conclusion, we understand that, even if this discourse is submitted to ideology and maintains the transsexual subject's body relegated to the fringes of signification, such subjects find possible ways to (re)significate their bodies and their identity condition.

Keywords

Language; Discourse; Gender; Transsexuality.

Recebido em: 30/10/2018.

Aceito em: 16/11/2018.